



Mestrado Doutorado
PPgenf
Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UNIRIO

Revista de Pesquisa:
CUIDADO É FUNDAMENTAL Online
ISSN 2175-5361

ESCOLA DE ENFERMAGEM
ALFREDO PINTO
UNIRIO

RESUMO DOS 120 ANOS DA EEAP

FATORES FACILITADORES E IMPEDITIVOS PARA O CUIDAR DE SI DE DOCENTES DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Raquel Juliana de Oliveira Soares¹, Regina Célia Gollner Zeitoune²

RESUMO

Objetivos: Descrever os fatores facilitadores e os impeditivos para o cuidar de si do docente de enfermagem e discutir a implicação destes fatores para o cuidar de si do docente de enfermagem na perspectiva da saúde do trabalhador. **Método:** O estudo foi exploratório, descritivo, de natureza qualitativa. **Resultados:** Os resultados mostraram que os fatores impeditivos acabam, de certa forma, sobrepondo-se aos fatores facilitadores para o cuidar de si, e que os fatores impeditivos na maioria das vezes estão relacionados ao trabalho (organização do trabalho, demanda de trabalho), apesar de terem sido relatados pela minoria. **Conclusão:** O prejuízo não é somente para o trabalhador, mas também para as instituições, pois a tendência é o aumento das licenças por motivo de saúde o que levará a uma sobrecarga dos outros professores e colocando estes também em risco, uma vez que a demanda de trabalho aumentará tornando uma problemática e um ciclo vicioso. **Descritores:** Saúde do trabalhador, Docentes de enfermagem.

¹ Mestre em Enfermagem. Professora da Universidade Estácio de Sá/RJ. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Enfermagem e Saúde do Trabalho/DESP/EEAN/UFRJ. E-mail: raquel.jos@superig.com.br. ² Doutora em Enfermagem. Professora Associada do DESP/EEAN/UFRJ. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Enfermagem e Saúde do Trabalho/DESP/EEAN/UFRJ. E-mail: regina.zeitoune@gmail.com>

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo foi os fatores facilitadores e impeditivos para cuidar de si de professores de graduação em enfermagem. Várias concepções de cuidado têm coexistido e influenciado a prática de enfermagem na atualidade, variando conforme perspectivas teórico-filosófica e o cenário da prática. Essa coexistência, este convívio, determina práticas, técnicas e formas de intervenção. Neste sentido, uma das teorias de enfermagem mais influente na enfermagem brasileira é a teoria do autocuidado de Orem¹. Porém, mais recentemente, uma outra perspectiva tem surgido no discurso da enfermagem brasileira, a do cuidado de si mesmo, de Michel Foucault. Assim, quem cuida de si adequadamente encontra-se em condições de conduzir-se na relação com o outro. O cuidado de si requer um controle e uma delimitação do poder, pois quem cuida de si, conhece a si, e conhece também quais são seus deveres e limites nas diferentes relações que desenvolve. Cuidar de si mesmo não é simplesmente uma obrigação; é uma maneira de viver, da qual cada um deve se incumbir ao longo de sua vida². Apesar dos estudos sobre a capacidade das pessoas em refletir e fazer coisas benéficas para si e sobre a importância do cuidar de si, para os professores essa prática se torna um obstáculo, pois as inúmeras atribuições exigidas hoje pelo mercado de trabalho, somado às condições ambientais desse trabalho requerem muito além de um conjunto de conhecimentos técnico-científicos. Neste sentido, a qualidade de vida no trabalho (QVT) do docente de enfermagem é expressa por diversos problemas de saúde que permitem evidenciar que os fatores desgastantes (remuneração, demanda de trabalho,

falta de incentivo, dificuldade em participar de congressos, entre outros) se sobrepõem aos fatores potencializados (relação emocionalmente afetiva com alunos, colegas e funcionários, o prazer em ensinar, crescimento dos alunos, entre outros)³. Os estudos concluíram que quanto maior o número de horas semanais trabalhadas menores são os níveis de saúde dos professores⁴. Esses resultados são preocupantes, uma vez que professores são trabalhadores e merecem ter seus momentos adequados de descanso e de lazer. Importante destacar que os professores que têm uma grande demanda de trabalho acaba ultrapassando suas 40 h de trabalho ao qual foram contratados. Sobre as condições de saúde do trabalhador docente de enfermagem, Mauro (1977) há 30 (trinta) anos já apontava que a falta de tempo para refeições e de descanso tanto psicológico quanto fisiológico durante a jornada são causas de fadiga que pode ser atribuído ao trabalho do professor. Esses apontamentos se mantêm atualizados até os tempos de hoje, sendo, portanto, ainda uma referência atualizada relacionada à saúde deste trabalhador. O ambiente de trabalho que alguns professores são submetidos, além de gerar insatisfações, não estimula o professor a cuidar de si. Nesta perspectiva, “talvez não falte iniciativa dos professores em cuidar de si, o que falta é tempo e condições favoráveis para fazê-lo”. Os professores entendem o que é uma vida melhor, mas devido às condições de trabalho não conseguem colocar em prática⁵. Essas situações levam a refletir sobre de que forma os fatores internos (da própria pessoa) e os externos (ambientais) contribuem para o cuidar dos professores.

Os objetivos: Descrever os fatores facilitadores e os impeditivos para o cuidar de si do docente de enfermagem e discutir a implicação destes fatores para o cuidar de si do docente de enfermagem na perspectiva da saúde do trabalhador. O estudo teve respaldo na problemática apresentada, sendo uma questão que merece ser investigada enquanto um problema para a saúde do trabalhador. É relevante no que tange à formação do enfermeiro, ao ensino, à assistência e à pesquisa, uma vez que gerou discussões sobre as facilidades e dificuldades do professor em praticar o cuidado de si.

METODOLOGIA

O estudo foi exploratório, descritivo, de natureza qualitativa. Os sujeitos do estudo foram 33 (trinta e três) professores das Escolas de Enfermagem das Universidades Federais do Estado do Rio de Janeiro em pleno exercício da profissão, que atuavam na graduação, pós-graduação *Lato* ou *Stricto Senso*, pesquisa, extensão, com cargo administrativo, concomitantemente ou não, escolhidos aleatoriamente, utilizando a técnica “bola de neve” sendo convidados para participarem do estudo. Os professores concentraram-se na faixa etária de 30 a 55 anos, sendo que 66,6 % se encontravam na faixa etária de 40 a 49 anos. 26 eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Os dados foram coletados pela própria autora da investigação e submetidos à análise temática; a discussão se deu à luz do referencial teórico eleito para o estudo, sendo ampliado com referenciais bibliográficos, considerando-se os resultados encontrados. A etapa de coleta de dados foi iniciada após a aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa sob o

Protocolo nº 113/07 e mediante a autorização das Escolas locais de estudo.

RESULTADOS

Os resultados obtidos no estudo estão estruturados de acordo com as categorias temáticas emergentes das falas dos sujeitos do estudo, que respondem aos objetivos do estudo e são elas: Fatores facilitadores para o cuidar de si; Fatores impeditivos para o cuidar de si; e Implicações para a Saúde do Trabalhador. A realização deste estudo proporcionou a reflexão acerca dos fatores que facilitam ou dificultam os professores de cuidarem de si. Os resultados mostraram que os fatores impeditivos acabam, de certa forma, sobrepondo-se aos fatores facilitadores para o cuidar de si, e que os fatores impeditivos na maioria das vezes estão relacionados ao trabalho (organização do trabalho, demanda de trabalho), apesar de terem sido relatados pela minoria. Cabe aqui destacar que para alguns professores os fatores impeditivos estão relacionados à falta de acesso a serviços de saúde e a remuneração. “*Horário de trabalho, remuneração, burocracia, submissão, impotência, competitividade, cobrança, incompatibilidade, entre afazeres, a família e o lazer são fatores que afetam a sua saúde*”⁶. Com este comportamento constante, percebe-se que os professores tendem ao adoecimento e que isso certamente afetará sua vida laboral. Portanto, ter este comportamento de não cuidar de si ou de ter um cuidado mínimo consigo favorece ao prejuízo com relação à saúde e a saúde enquanto trabalhador. Desta forma, este trabalhador não conseguirá desenvolver suas atividades com a devida atenção, ficará

desmotivado facilmente, diminuirá a paciência, ficará emocionalmente mais abalado e também levará para seu ambiente doméstico estes sentimentos. A organização do trabalho “*deve ser vista antes que qualquer coisa, como uma relação socialmente construída e não somente em sua dimensão estritamente tecnológica, cognitiva ou física*”^{7:8}. Destacam, ainda, que a organização do trabalho aparece, antes de tudo, como uma relação intersubjetiva e uma relação social e isto, exige sempre, reajustes e reinterpretações pelos atores sociais⁷. A intersubjetividade também aparece no próprio centro das organizações do trabalho, e esta é, definitivamente determinada pelas relações sociais de trabalho. Neste sentido, as instituições, local de trabalho dos professores, devem repensar a organização do trabalho e as condições impostas a estes professores, uma vez que se o profissional não tem boas condições de trabalho e tem uma demanda grande de trabalho, não consegue ter tempo para atender suas necessidades, bem como seu horário de cuidar de si.

CONCLUSÃO

A desvalorização do professor, aliada às condições de trabalho, se caracteriza como fatores que impedem o desenvolvimento de práticas do próprio cuidado, pois tendo que dar conta dos trabalhos, o professor utiliza outros recursos para finalização do seu trabalho, deixando, muitas vezes, o trabalho invadir seu lar, implicando em menos tempo para o lazer, o descanso, o convívio com família e amigos. O prejuízo não é somente para o trabalhador, mas também para as instituições, pois a tendência é o aumento das licenças por motivo de saúde o que

levará a uma sobrecarga dos outros professores e colocando estes também em risco, uma vez que a demanda de trabalho aumentará tornando uma problemática e um ciclo vicioso.

REFERÊNCIAS

1. George J. Teorias de enfermagem: dos fundamentos à prática profissional. 4.ed. Porto Alegre: Artmed; 2000.
2. Foucault M.. Verdade, poder e si. Espaço Michel Foucault. 1988. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>>. Acesso em: 13 abr. 2008
3. Rocha SSL, Felli VEA. Qualidade de vida no trabalho docente de enfermagem. Rev Latino-Am Enfermagem, Ribeirão Preto, v.12, n.1, jan./fev. 2004
4. Rocha KB, Sarriera JC. Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. Psicol. Esc. Educ., Campinas, v.10, n.2, dez. 2006. Disponível em: <<http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1413>>. Acesso em: 02 abr. 2008.
5. Webler RM, Ristow MR. O mal-estar e os Riscos da profissão docente. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, v. 6, n. 11, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/issue/current>>. Acesso em: 29 jun. 2007.
6. Dias J *et al.* Promoção de saúde das famílias de docentes de enfermagem: apoio, rede social e papéis na família. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, v. 16, n. 4, out./dez. 2007.
7. Vasconcelos CMCB, Prado ML. Vivendo o sofrimento e os desafios no trabalho:

Soares RJO, Zeitoune RCG.

expressões autocríticas de um grupo de enfermeiros-educadores. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 6, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br>>. Acesso em: 25 maio 2007.

Recebido em: 20/07/2010

Aprovado em: 20/10/2010

R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):83-87